



**a ferro e fogo**  
arte na paraíba



**a ferro e fogo** | ARTE NA PARAÍBA

**sala do artista popular**

**166**

2011

**S A P MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO**

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular  
Iphan / Ministério da Cultura

**Ministério da Cultura**  
Ministra: Ana de Hollanda

**Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**  
Presidente: Luiz Fernando de Almeida

**Departamento de Patrimônio Imaterial**  
Diretora: Márcia Sant'Anna

**Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular**  
Diretora: Cláudia Marcia Ferreira

**PARCERIA**

**Associação de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro**  
Presidente: Lygia Segala

**PATROCÍNIO**

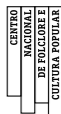
**Caixa Econômica Federal**  
Presidente: Maria Fernanda Ramos Coelho

A CAIXA apoia o artesanato brasileiro

realização



ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE AMIGOS DO MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO



Ministério da Cultura

patrocínio



## Setor de Pesquisa

COORDENADORA  
Maria Elisabeth Costa

## Programa Sala do Artista Popular

RESPONSÁVEL  
Ricardo Gomes Lima

EQUIPE DE PROMOÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO  
Marylia Dias, Magnum Moreira e Sandra Pires

PESQUISA E TEXTO  
Livia Ribeiro Lima

EDIÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS  
Lucila Silva Telles  
Ana Clara das Vestes

DIAGRAMAÇÃO  
Maria Rita Horta e Lígia Melges

FOTOGRAFIAS  
Francisco Moreira da Costa

APOIO DE PRODUÇÃO  
Flávia Correia

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO  
Márcia Shoo

PROJETO DE MONTAGEM E  
PRODUÇÃO DA MOSTRA  
Luiz Carlos Ferreira  
Talita de Castro Miranda (assistente)

PRODUÇÃO DE TRILHA SONORA  
Alexandre Coelho

---

F395 A ferro e fogo : arte na Paraíba / organização de Livia Ribeiro Lima. -- Rio de Janeiro : IPHAN, CNFCP, 2011.

36 p. : il. -- (Sala do Artista Popular ; n. 166).

ISSN 1414-3755

Catálogo da exposição realizada no período de 01 de março a 10 de abril de 2011.

1. Arte popular – Paraíba. 2. Artesanato em metal – Paraíba. 3. Reciclagem. I. Lima, Livia Ribeiro, org. II. Série.

CDU 7.067.26(813.3)

---

sala do artista popular

166 2011

S A P MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO

A Sala do Artista Popular, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/CNFCP, criada em maio de 1983, tem por objetivo constituir-se como espaço para a difusão da arte popular, trazendo ao público objetos que, por seu significado simbólico, tecnologia de confecção ou matéria-prima empregada, são testemunho do viver e fazer das camadas populares. Nela, os artistas expõem seus trabalhos, estipulando livremente o preço e explicando as técnicas envolvidas na confecção. Toda exposição é precedida de pesquisa que situa o artesanato em seu meio sociocultural, mostrando as relações de sua produção com o grupo no qual se insere.

Os artistas apresentam temáticas diversas, trabalhando matérias-primas e técnicas distintas. A exposição propicia ao público não apenas a oportunidade de adquirir objetos, mas, principalmente, a de entrar em contato com realidades muitas vezes pouco familiares ou desconhecidas.

Em decorrência dessa divulgação e do contato direto com o público, criam-se oportunidades de expansão de mercado para os artistas, participando estes mais efetivamente do processo de valorização e comercialização de sua produção.

O CNFCP, além da realização da pesquisa etnográfica e de documentação fotográfica, coloca à disposição dos interessados o espaço da exposição e produz convites e catálogos, providenciando, ainda, divulgação na imprensa e pró-labore aos artistas no caso de demonstração de técnicas e atendimento ao público.

São realizadas entre oito e dez exposições por ano, cabendo a cada mostra um período de cerca de um mês de duração.

A SAP procura também alcançar abrangência nacional, recebendo artistas das várias unidades da Federação. Nesse sentido, ciente do importante papel das entidades culturais estaduais, municipais e particulares, o CNFCP busca com elas maior integração, partilhando, em cada mostra, as tarefas necessárias a sua realização.

Uma comissão de técnicos, responsável pelo projeto, recebe e seleciona as solicitações encaminhadas à Sala do Artista Popular, por parte dos artesãos ou instituições interessadas em participar das mostras.



Araçagi, Itabaiana.

## A ferro e fogo – arte na Paraíba

LÍVIA RIBEIRO LIMA

Do universo de cerca de quatro mil artesãos que hoje existem na Paraíba, quatro artistas se destacam pelo trabalho com a arte sobre o metal. São eles João José do Nascimento Neto, da cidade de Itabaiana, João de Deus Cavalcante e Humberto Heleno da Silva, moradores da capital, João Pessoa, e Joaquim David da Silva Neto, morador de Araçagi.

Esses artistas populares que apresentamos são adestradores do flandres, do ferro e do aço, utilizando sobras de latas, sucata de automóvel, portões e grades de ferro, que se transformam em brinquedos e esculturas lúdicas, de adorno ou utilitárias.

O rico repertório de criação desse artesanato de sobras ou, como denominam, de reciclagem, eles encontram em sua própria trajetória de vida. Exímios carpinteiros, marceneiros, mecânicos e serralheiros, também se descobrem sensíveis artesãos, animalistas de ofícios e outras invenções do cotidiano (Frota, 2005).

Por que esses artesãos escolhem trabalhar com retalhos, sucatas e sobras de metal, com o reaproveitamento de materiais que foram retirados de seu circuito de uso e que se tornaram lixo, se assim considerarmos tudo aquilo que aparentemente passa a não servir mais, tudo o que não mais funciona?

Na sociedade de produção em massa, industrial e de consumo de nossos dias, que é necessariamente uma sociedade de produção em massa de lixo, costumam-se celebrar iniciativas de reutilização de materiais que seriam descartados (Rodrigues, 1992). É possível falar que a reciclagem “está na moda” e na ordem de uma política de autossustentabilidade, o que agrega valor e até mesmo promove as obras dos artistas populares paraibanos.

A despeito disso, por meio de suas falas e experiências de vida, eles revelam que sua relação com as peças e com os materiais que são retirados do lixo não se dá pela via da orientação política do reaproveitamento, pois o que para nós é sinônimo de dejetos, para eles, são materiais cuja circulação faz parte do repertório simbólico. Quando as peças e os objetos caem de novo em suas mãos, abrem-se novos caminhos e sentidos. Não são os únicos materiais disponíveis para a expressão de sua arte, nem tampouco o uso de recicláveis

estaria ligado a uma estratégia de sobrevivência, de reaproveitamento de materiais gratuitos, que advêm do descarte urbano (Zaluar, 2006); a sucata é usada pela possibilidade mesma da recriação, da reutilização, das formas livres da montagem (Lima e Carvalho, 2003).

#### JOÃO DE OLIVA

João José do Nascimento Neto mora num vilarejo chamado Sítio Lagoa do Rancho, à beira da PB-54, em Itabaiana, situada a 75km da capital, João Pessoa. É conhecido como João de Oliva nos lugares por onde circula, como a feira do Mangaio, que reúne as pessoas do lugar às terças-feiras.

A feira é erguida por volta das quatro da manhã e, ao raiar do dia, já se pode ver uma infinidade de barracas de madeira com teto de lona preenchendo todas as ruas das imediações do centro da cidade. João de Oliva guiava-nos por entre os vendedores, conhecidos seus, que ofereciam frutas, verduras, carnes, muitas vezes expostas no chão de asfalto ao lado de antigas balanças com pesinhos. Como também tecidos, roupas e toda sorte de artigos feitos a mão, conhecidos como “mangaio”, utilizando couro e variados metais como o flandres, donde se fazem lamparinas, fogaréis,



churrasqueiras, bules, raladores, funis, medidores, mamitas – usadas para esquentar água para o café –, canecas, bacias, poleiros, regadores e utensílios domésticos em geral, especialmente úteis na vida rural.

O trabalho em alumínio, flandres – lâmina de ferro recoberta de estanho – e outras chapas metálicas é tradicionalmente relacionado à confecção de objetos de uso doméstico, como tachos e panelas (Artesanato Brasileiro, 1986). Encontramos também variados cachimbo e fumos de rolo, ervas medicinais para diferentes tipos de enfermi-



dade, além das curiosidades, como apitos de madeira que chamam determinadas espécies de pássaro.

O mangaio é encontrado em armazéns e também é levado em carrinhos de mão por vendedores ambulantes. É nessa feira que João de Oliva adquire a matéria-prima para os caminhões de brinquedo: a cabine, por exemplo, é feita com lata de tinta ou cola que compra vazia. Ali, ainda encontra chapas de flandres a um bom preço, além do eucatex e da borracha para solado de sandália, usada em partes específicas do caminhão.

João não costuma expor os caminhões na feira, porque não encontra quem queira adquirir por um preço justo. Costuma ouvir dos amigos que com o valor do caminhão – em média R\$ 40,00 – “se faz uma feira”. Prefere deixar suas peças para vender em uma loja de artesanato localizada próximo à feira.

Quando a equipe do Projeto “Nas Rodas de Itabaiana”<sup>1</sup> chegou à cidade, seus integrantes foram até a feira do Mangaio e ouviram falar de João de

Oliva. Ele passou então a fazer parte de um grupo de 15 artesãos que confeccionavam caminhões de brinquedo com madeira, latas e material reciclado. Montaram uma cooperativa, ensinaram alguns jovens interessados e participaram de exposições. “Foi quando comecei a fazer, comecei a vender, o pessoal achou bom, e aí eu fiquei. Já estou há dez anos no ramo.” Passou a receber bastante encomenda a partir do catálogo que foi distribuído, o que considera uma grande oportunidade em sua vida.



João de Oliva começou fazendo brinquedos em casa para brincar. Ele e seus quatro irmãos faziam caminhõezinhos usando latas de leite ou de sardinha, “muito mal feito”, mas preferiam estes aos brinquedos que sua mãe eventualmente conseguia comprar. Nasceu e se criou na casa que nos apresentou no Sítio Lagoa do Rancho, quando ela ainda era de taipa. Casou-se e construiu uma casa para a família no mesmo terreno, onde também vivem sua mãe e seu irmão.

Toda a vida trabalhou na roça, na plantação da família. O verão é o tempo de descanso, enquanto nos meses de inverno, maio e junho, quando acontece a colheita, dificilmente encontramos alguém em casa. No período da manhã, trabalha numa fazenda que fica na outra margem da PB-54, e vende cana de açúcar para a usina. João trabalha desde os 12 anos de idade com o trato da cana, na plantação, na adubação, bem como lida com os bois, preparando e arando a terra.

João é muitas coisas: marceneiro, pedreiro, pintor, carpinteiro, agricultor. “Marceneiro é aquele que trabalha com madeira, quem faz um móvel, mas aquele que tem o dom para a arte é artesão.”

O espaço do trabalho é a varanda de casa, onde podemos ver latas cortadas na forma de cabine de caminhão pendura-

das no telhado de madeira, além da máquina adaptada por ele para serrar, furar, cortar e lixar, que deixa os resíduos do pó de madeira incrustados na parede e nas pilastras. Ao lado da porta de entrada, um amontoado de pedaços de madeira. As carrocerias coloridas que acabam de ser pintadas secam sobre o muro da varanda. Em sua bancada, a caixa de ferramentas, as latas de tinta e as sobras de material se confundem numa desorganização, em que o artesão se sente bastante à vontade.





### O brinquedo de verdade

João de Oliva demonstra o processo de produção de um caminhão. Primeiramente, pega um pedaço de madeira de pinho, também chamado pino, que adquire em marcenarias, e serra em diferentes tamanhos para fazer

a carroceria. As partes miúdas são lixadas pelo motor que adaptou. Emprega dois funcionários que trabalham à tarde, período do dia dedicado ao artesanato. Geralmente são eles que preparam o trabalho: cortam a madeira e isolam, passando um selador ou cola branca, senão a tinta fica “cega”, sem brilho.



Em sua caixa de ferramentas, estão guardados os instrumentos que cria, que, adaptados a um motor, dão o formato desejado por meio da serra ou da lixadeira, conforme a peça vai pedindo. Para tampar os buracos criados pelas brocas na madeira, utiliza uma lixa manual, “pois a peça não pode ter falha”. Usa cola plástica branca para colar as partes menores na estrutura retangular maior. Depois coloca um preguinho entre as partes de madeira, para fixar melhor, com cuidado para não rachá-la. Em sua mesa de trabalho, já se vê ao fundo uma carroceria pronta – vai aprontando vários caminhões ao mesmo tempo.

Observador, João sabe qual a cor e a qualidade das peças que vendem mais. Então procura fazer aquelas que têm mais saída, ficando atento para não deixar peças estocadas e para utilizar materiais leves, conforme aprendeu num curso de empreendedorismo. Vai criando conforme recebe encomendas da região, ou para se preparar para os Salões de Artesanato Paraibano<sup>2</sup>, que acontecem duas vezes por ano – em Campina Grande durante o mês de julho, e em João Pessoa, no mês de janeiro – e causam grande expectativa nos artesãos do Estado.

A primeira peça que fez em madeira foi um carro de boi. No início, fazia caminhão de boiadeiro e caminhão com a carroceria aberta, em tamanho grande. Hoje já faz trator,

caminhonete, caminhão de carga. Gosta de inovar nos entalhes e desenhos da carroceria a cada novo modelo. “Mesmo que queira, um artista não consegue repetir uma peça que faz.”

Para fazer a cabine, João reutiliza latas de cola ou de tinta, ou latas de manteiga de uso doméstico; tira a tampa, recorta com tesoura e as transforma numa chapa de metal, que coloca sobre as pernas para aplainar. Em seguida, pega o molde de uma cabine, dentre os vários tamanhos que desenhou, e coloca sobre a chapa, cortando-a sobre uma base de borracha com o auxílio de um estilete.

Então, isola a lata: bate com o martelo nas laterais da cabine de modo que fiquem viradas para dentro, feito bainha de uma roupa. “O próximo passo é achar a chave de fenda



para riscar.” João ri de si mesmo diante do fato de que a todo o momento perde seu lápis ou alguma ferramenta de trabalho.

Usa vidro somente no para-brisa; as janelas ficam abertas, devido ao tamanho calor. Para dar alívio ao motorista, o caminhão tem um abafador no teto. Para montar a cabine, João corta mais pedaços de lata e vai dando forma ao brinquedo. No retrovisor, usa espelho de verdade.

*É espelho reciclado, caiu, quebrou, jogou fora, eu pego lá, porque o meio ambiente agradece, e minha família também. Eu trago pra cá e dá esse belo trabalho.*

O artesão equipa seu caminhão com apetrechos como aparelho de som e uma boa cadeira para o motorista. Colada ao para-choque está a placa com identificação, para não ter perigo de ser multado na rodoviária: Itabaiana JJN 1970, que são sua cidade natal, as iniciais do seu nome, e seu ano de nascimento – mais uma forma do artista assinar as peças, também expostas para venda numa barraca que mantém na beira da estrada, perto de casa.

Dentro de casa, João confeccionou as cadeiras, a mesa, o armário. Enquanto conversávamos à porta da sala, passavam vários caminhões. Diz que está acostumado a ouvir o barulho que fazem desde pequeno, e que tem neles uma referência para suas criações. Por conta do trabalho na fazenda, tem mais contato com caminhões de carga e de transporte de animais do que com carros de passeio, que não possui.





Seus caminhões em madeira e lata são muito trabalhosos. “Geralmente é mais pra brincar, pra criança”. Contudo, conhece um caminhoneiro que comprou um deles para decorar o quarto.

“Isso não é brinquedo não, isso é um caminhão de verdade, bote isso na sua imaginação.” Leva cerca de 12 horas para fazer um caminhão boiadeiro pronto para rodar; o caminhão aberto em tamanho médio, em torno de 10 horas, enquanto o caminhão pequeno, oito horas. Já o tempo

de serviço de um trator é em torno de cinco horas.

Posiciona a caixa de ferramentas perto do cano de escapamento, que é feito com cano de antena de televisão reaproveitado a partir do que encontra no lixo. Já as calotas das rodas são feitas com o fundo de latinhas de cerveja. Mostra-nos o recorte da latinha sem fazer qualquer medição, usando apenas o olho e a memória. Os pneus são feitos de madeira coberta por uma borracha que serve para fazer solado

de sandália. E como quem usa caminhão de rodagem tem obrigação, por lei, ter o para-choque traseiro, lá está ele junto à la-meira, onde costuma escrever “Calma amigo”, ou “Obrigado Senhor”. Para finalizar, abre a grade localizada na parte de trás do caminhão boiadeiro, que está acostado ao curral junto a um lugar chamado breque, e, depois de receber todos os animais, segue levando o gado para o matadouro ou para outra área agropecuária.

#### JOÃO DE DEUS

João de Deus Cavalcante é mecânico do bairro Funcionário II, periferia da cidade de João Pessoa. É natural de Cerro Corá, Rio Grande do Norte, onde viveu até seus 18 anos, quando entrou no serviço militar, sendo transferido para João Pessoa. Durante oito anos serviu ao quartel como soldado



e como sargento, trabalhando como mecânico de viaturas. Aos 14 anos aprendeu o ofício e montou sua própria oficina em casa, especializando-se em serviço de mecânica geral.

O primeiro trabalho de artesanato foi no quartel, quando fez os troféus para um torneio de futebol. Chegava à oficina, juntava uma peça no motor elétrico, fazia um cinzeiro, um porta-retrato, um porta-chave para dar de presente a um cliente. Foi se incentivando. Um compadre tinha um estande na Mostra Brasil, e o convidou para expor suas peças. Lá seu trabalho foi bem aceito.

Antigamente, usava peças mais pesadas e grosseiras de automóvel, como capa de rolamento, disco de embreagem, volante. Hoje, seu trabalho é totalmente diferente do que era quando começou. Mistura peças de automóvel, de bicicleta, de máquina de escrever, qualquer material que seja reciclado. Faz motos, carros e tanques de guerra em miniatura, luminárias antigas e animais diversos, peças que variam de 10cm a um metro de altura. O contato com a oficina mecânica desde muito cedo lhe deu a facilidade para trabalhar com esse tipo de material.

*Desde pequeno mexendo com peça de carro, às vezes a gente pega uma peça que tem o formato de um animal, que*

*parece com uma cabeça de cachorro. A gente vê a peça e já sabe o significado dela. Eu olhei para essa aqui [uma peça interna que sustenta a tecla de uma máquina de escrever] e imaginei que dava dois pêndulos da balança da Justiça.*

Em sua oficina, liquidificador, peças de ventilador e de máquina de lavar servem para dar o tom inicial de seus trabalhos. Ele faz suas próprias ferramentas com molas de carro. Localizada num espaço contíguo à casa, guarda muitas sucatas, adquiridas por meio de troca: embora não conserte bicicletas e motos, João tem ferramentas e prensas que servem para consertá-las, e são utilizadas por alguns colegas, que deixam, então, sucatas para ele. Vai guardando todas as peças que podem servir para o artesanato.





### Dom Quixote, o moinho e as válvulas empenadas do motor

Dom Quixote é um dos personagens que mais gosta de criar. João de Deus mostra uma peça em miniatura feita com tela de filtro de ar-condicionado de carro, pedaço de latinha de refrigerante e arame colorido de telefone, sob a base, de pedra de rio. Pega o arame, o alicate e vai colando com araldite e super bonder para fixar, normalmente enquanto está na feira, vendendo suas peças. Dom Quixote lança-se contra a tela de ar-condicionado, ou melhor, contra o moinho, que acredita ser um dragão, e é retratado caído ao chão.

Em esculturas maiores, como a de um carro antigo, usa solda e durepox para juntar as peças:

*Aqui é o seguinte, a gente tem a ideia principal, e o resto a*



*gente vai montando. Como, por exemplo, faz um trator, aí eu olho para um canto, para outro, pego uma coisa, jogo lá dentro e soldo, vou pegando o que tem por perto e fazendo.*

Para fazer um robô, peça que em todos os anos está presente nos Salões, não tinha o material que costuma usar para a cabeça e o corpo. Então viu o comando de bicicleta e a par-



tir daí foi criando. Usou ainda mola da sela de bicicleta, válvula de carro e um eixo de ventilador.

Conhecendo bem a maleabilidade, a fusão e a vida “útil” das peças que utiliza, João de Deus vai testando sua criatividade e formando um repertório próprio.

Tendo em vista o universo desse artista, torna-se interessante a observação que Lévi-Strauss faz a respeito do *bricoleur*, que opera segundo os princípios de observação e reflexão da ciência do concreto, intrinsecamente ligada ao mundo sensível (Lévi-Strauss, 1976, p.37).



No trabalho, o primeiro passo prático do *bricoleur* – definido como o que trabalha com as mãos –, usando meios indiretos, é retrospectivo: volta-se para um conjunto já constituído, formado de ferramentas e materiais, para fazer-lhe ou refazer-lhe o inventário e, sobretudo, criar com ele uma espécie de diálogo, interrogando assim esses objetos, que



constituem seu tesouro de ideias, para compreender o que cada um deles poderia “significar”, contribuindo para criar um conjunto que será definido pela disposição interna das partes; “(...) o bricoleur se dirige a uma coleção de resíduos de obras humanas, isto é, a um subconjunto da cultura” (*Idem*, p.40).



Nesse jogo de símbolos, considerando o conjunto da peça do artista, formado por uma variedade de outras peças de origens e histórias diferentes, podemos dizer que o que inicialmente era concebido como uma corrente de motocicleta, agora, passa a ser denominado pelo artista como a pele que reveste um lagarto. Quem pode dizer que o fio colorido

de telefone também serve como uma vara de pescar numa escultura em miniatura?

O artista brinca com os conceitos e os elementos concretos, que já não se referem exclusivamente a si próprios no conjunto da obra, mas substituem outra coisa que a si. Nesse sentido, o poder do artista de referir e redefinir os conceitos dos objetos torna-se ilimitado.

A partir do momento em que começou a frequentar a primeira feira, João de Deus sentiu-se mais motivado:

*Eu fazia sem interesse, sem entusiasmo. Hoje não, eu pego um arame, tudo que eu pego, que eu junto no meio da rua, já vem na mente de fazer alguma coisa. Hoje eu trabalho com mais amor, acho que as peças tem mais sentido, mais significado, eu passo o sentimento com aquela peça. Antigamente eu fazia mais por fazer; hoje já é uma renda extra.*

João de Deus confecciona as peças, guarda e comercializa principalmente no Salão de Artesanato Paraibano, que participa desde a fundação, indicando a importância do evento como meio de circulação das peças e reconhecimento do trabalho. Costuma receber encomendas das pessoas que

o frequentam, e segue fazendo e se aperfeiçoando, a fim de entrar com uma novidade a cada edição.

Gosta de fazer o acabamento final das peças em um lugar mais tranquilo e sossegado, embaixo dos pés de manga da casa que tem em Jacumã, há 18km de João Pessoa. A produção de uma peça pequena leva em torno de duas horas só para a montagem, enquanto as peças maiores levam dois dias. Acrescente-se o tempo do acabamento, que, em peças como as de Dom Quixote, inclui os relevos no escudo, feitos com batidas sobre a chapa. Ao terminar, dá um banho de óleo em cada peça e deixa na oficina. Faltando vinte dias para a inauguração do próximo Salão, lava cada peça com gasolina, passa escova de aço e um aparelho para isolar a ferrugem, para só depois aplicar a tinta. Limpa cada parte cromada para dar maior vida à peça. Deixa as peças em preto fosco e depois usa uma tinta em bronze ou em ouro envelhecido e vai dando as tonalidades das cores.

#### HUMBERTO

“Eu acho que isso já está dentro da gente, a gente que encontra.” Humberto Heleno da Silva fala do dom que foi descobrindo para a arte. Começou trabalhando com móveis fa-



bricados em tubo. “Mas eu não gostava daquele trabalho com ferro, queria fazer uma coisa nova, que ninguém fizesse.”

Depois foi incentivado por um colega a investir em móveis rústicos de ferro. Com isso, teve mais liberdade, passando a fazer também outras utilidades, como lustres e portões. Em uma ocasião, fez alguns desenhos na parede da oficina, e sua mulher, associando o desenho a uma figura feminina, indagou: por que não passava para o ferro? Então ele teve vontade de saber como fazia

uma saia. E a esposa deu a ideia de usar um cano. “Aí me encontrei na arte.” Gosta de inovar sempre. “Repetitivo era o que eu fazia, e isso me cansava.”

Humberto é da capital paraibana, João Pessoa, e a mulher, Maria, que participa bastante da criação de seu

trabalho, é pernambucana. Tem um enteado e um filho que o auxiliam na oficina. Quando cria uma peça, gosta de ouvir a opinião de Maria e, dependendo do que ela diz, desmancha a peça e faz outra, começando de novo. “Nós trabalhamos em união, um apoiando o outro.” Diz que tem prazer no trabalho, não faz suas peças pensando no retorno financeiro, mas porque gosta. Por isso, vai fazendo e acumulando em casa.

Gosta de presentear com esculturas as pessoas que apreciam sua arte, clientes que vão à feira, ou que o visitam em casa.

*Eu prefiro dar de presente uma peça minha a uma pessoa que aprecia a arte do que vender a quem não aprecia, porque depois desmancha, não sabe qual a identidade da peça.*





Humberto gosta de conhecer os compradores, assim, não perde de vista a vida e os destinos das suas obras.

#### **A casa-oficina**

Humberto caracteriza o lugar em que mora como uma casa-oficina, dada a extensão do ambiente de trabalho, que adentra a casa. Além dos móveis de uso próprio, que são de fabricação sua – como o aparador, a cama, a mesa e as cadeiras –, armazena muitas peças em casa. A oficina de serralheria fica na parte da frente, onde funcionaria uma garagem, e se estende para o outro lado da rua, uma pequena extensão de terreno baldio onde se jogava lixo. Foi aterrando e transferindo seus instrumentos de trabalho para lá, puxou um fio de eletricidade de casa e pronto: pode ligar o torno e trabalhar na bancada debaixo da imensa castanhola que plantou. Os vizinhos não se incomodam e também utilizam o torno, que se tornou comunitário. Aos galhos das árvores estão penduradas arandelas e lustres, e presas ao tronco, as peças já acabadas ou as sobras de ferro usado; confundindo-se as cores, não sabemos se a paisagem já não se apropriou das obras do artista.

Conta que quando fez as guerreiras africanas, estava na bancada, olhou o material que tinha e foi montando, fazen-

do, às vezes sem saber o que ia dar, mas foi vindo ideia na sua cabeça, e fez uma guerreira. “Às vezes estou na metade de uma peça e já tenho ideia pra outra peça.” Esta peça até leva para a feira, mas não a vende, pois é seu xodó. Depois que fez as guerreiras, foi pesquisar sobre elas, para, se alguém chegar à feira e perguntar o significado, ele ter como falar sobre a história da peça.

Há cinco anos começou a trabalhar com esculturas em ferro, foi se aperfeiçoando aos poucos. Costuma conversar com outros artesãos e percebe que cada artista tem sua linha, não adianta um copiar o outro, como a escultura da mulher torrando o café, “foi a única”, pois o martelo que bateu para fazer a chapa nunca mais vai ser o mesmo. Nessa peça, usou apenas a força da mão, e na escultura da agricultora, mais pesada, usou o maçarico.





Para soldar as peças em suas partes, Humberto tem algumas técnicas de “esculpir” no ferro. “Todo o meu trabalho é manual, todo reciclável.” Nas flores de ferro ou de alumínio, que compõem as peças de adorno ou utilitárias – como quadros, cabideiros, lustres e abajures –, utiliza a tesoura de cortar chapa e a arrebidadeira para pregar as pétalas uma na outra. As rosas são viradas com as mãos para dar o detalhe das pontas.

Humberto mostra a montagem da flor: cada pétala é presa por um parafuso e uma porca. Quando não encontra o alumínio em sucatas ou nas sobras



de material da oficina, compra numa loja especializada. “Mas se torna interessante quando pego o alumínio já usado, de calha velha, que arrancaram e venderam. Eu vou lá, pego, e trabalho em cima deles.” Faz esculturas a partir do que seria descartado.

Suas ferramentas são o torno, o martelo, a forma, a bitola, que conduz as curvas do ferro, de modo que todas as peças saiam iguais, assim “o trabalho tanto sai mais perfeito, como sai mais rápido”. Ele mesmo cria as formas, como a do caracol e da meia-lua, por onde o ferro é moldado com



as próprias mãos. É auxiliado também por uma furadeira de bancada, pela policorte e pelas máquinas de solda. Diante da dificuldade de enrolar certos tipos de arame na mão, elaborou um instrumento, com motor de máquina de lavar, que lhe permite encaracolar o arame galvanizado.

Nesse abajur, a estrutura da cúpula é feita com o arame encaracolado e folhas de metal, que preenchem todo o arredor da cúpula. As folhas são colocadas numa prensa e vão

ganhando quinas e curvas com o impacto do martelo de borracha. No acabamento, dá um fundo de tinta primeiro, depois aplica a tinta definitiva, e então joga álcool para dar o efeito manchado. A base é de maçaranduba, feita do torno de uma cama de madeira que encontrou no lixo. Vai em busca do pau-ferro, do ipê, que chama pau-d’arco, e da aroeira, pedaços de madeira velha que encontra em cidades do interior. Limpa e reutiliza.

“Antigamente eu era um serralheiro, hoje eu sou um artesão.” Para ajudar na renda, continua fazendo grades de

portões, lustres, abajures, colunas para a igreja, trabalhando para donos de salão e floristas, tentando criar dentro das possibilidades, desenhando em forma de caracol, utilizando pinturas diferentes. Mas se sente realmente realizado com as esculturas: “degustar mesmo, só com a arte”.

#### JOCA DOS GALOS

Joaquim David da Silva Neto é de Baieux, região metropolitana de João Pessoa. Seu pai é veterinário, funcionário aposentado do Estado. O pai, a mãe, ele e os cinco irmãos moravam num sítio e cresceram em meio a plantação e aos animais, como galos, e cavalos. Ele mesmo já foi criador de galo de raça. Casou-se aos 30 anos, e se mudou para Araçagi, cidade de sua esposa, situada a 90km da capital, há oito anos.

Começou trabalhando com o pai em um bar que montaram em casa. Depois trabalhou numa fábrica de algave. Fazia corda, tapete, vassoura, mas não gostava do trabalho porque tinha contato com um óleo bastante prejudicial à saúde; depois de uma greve, resolveu sair. Araçagi é uma cidade pequena, que oferece pouco trabalho. Os que não trabalham na Prefeitura, normalmente estão na lavoura de cultivo de abacaxi.



Joca conta que costumava fazer carrinhos com lata. Um dia, pegou um pedaço de lata, começou a cortar com a tesoura, e pensou: “isso aqui está parecendo com a cauda de um galo.” Aí foi montando, foi aparecendo, mas não sabia nem como começar. Com o primeiro galo pronto, fez um teste para ver se vendia. Dia de domingo, saiu de bicicleta, com o galo na mão, e foi parado por um rapaz no meio do caminho perguntando se era para vender. Nem deu tempo de chegar na feira; vendeu a 10 reais.

No início, não fazia as pernas dos galos, colocava um rolo de lata embaixo do corpo, e uma tampa de lata de leite em pó na barriga: “não ficou bonito não, mas teve uma pessoa que se interessou e comprou. Foi bom porque aí eu não parei de fazer.” Saía para vender, conseguia o dinheiro da feira, e já fazia a feira lá mesmo.

Desde a primeira vez que fez o galo, foi pensando em vender e em fazer desse ofício seu trabalho:

“Eu não tinha profissão nenhuma, e tava doido pra arrumar uma profissão direita, essa de artesão.”

#### “O homem da lata”

A oficina do artista fica próxima à sua casa. O pequeno galpão pintado com tinta lilás, onde se lê na fachada “Joca dos galos”, está localizado próximo à estrada que liga a pacata cidade de Araçagi a Guarabira, cidade vizinha consideravelmente maior, onde costuma vender para lojistas. De vez em quando, viajantes param para conhecer seu trabalho. Quando trabalhava em casa, não tinha a visibilidade que tem onde trabalha hoje.

Durante as eleições, procurou um dos candidatos a prefeito e disse que ia votar nele; este então lhe prometeu que arrumaria um lugar para ele trabalhar. Hoje recebe o apoio do prefeito de Araçagi, que aluga o espaço onde trabalha.

Ao adentrarmos a oficina, logo avistamos Joca trabalhando no canto da sala, emendando ou dando acabamento aos pedaços de lata. De um lado da sala, uma grande caixa de papelão armazena as latas de óleo, de leite e de tinta que





logo serão reutilizadas. Na parede central, se encontram duas bancadas, encostadas uma a outra. Em uma delas, estão dois galos prontos, um pequeno e outro grande, como amostras do que faz. A outra, a mesa de trabalho: latas cortadas em tamanhos diferentes, poucas ferramentas, uma faca. Acima, colocou um painel de chapa de flandres com encaixes para as ferramentas, a tesoura, o ferro e a faca. Na parede, ainda, visualizamos pequenas gravuras de aves.



O galo é composto por 135 peças, variando de acordo com o tamanho. Chama o corpo do galo de “ovo da galinha” – é por aí que começa o trabalho. O material é comprado de um colega que trabalha num lixão e recolhe sucata e papelão para vender. Cada lata sai a 10 centavos. “Eu costumo falar que é reciclagem, quase tudo que eu uso é da lata. Mas o nome mesmo é flandres.”

Vai vestindo o corpo nu do galo com penas de lata, de



vários tamanhos e espessuras. As penas são feitas com pequenos cortes na chapa, ficando como um pente. Com a ajuda de uma espátula, primeiro coloca a pasta de solda para melhorar a aderência. Depois vem o ferro de solda com um arrebite, que, cortado em pedaços pequenos, os arrebites vão sendo encobertos pelas novas camadas de penas de lata. E seu corte perfeito cria agora a cauda do galo, longa, densa, ganhando movimento a partir de uma chapa fria de metal. Depois,

reveste a parte de baixo do corpo, as asas, o peito, o pescoço, e, quanto mais próximo da cabeça, vão sendo utilizadas penas de alumínio cada vez mais delicadas e finas.

Deixa por último os pés e as unhas. Esta é a parte que mais gosta de fazer, pois indica que mais um galo está pronto.

Para não oxidar, utiliza um tipo de tinta para proteger o metal, o prime, antes da tinta a óleo. Deixa secar e, depois, com o pincel, vai dando os detalhes das cores em amarelo, vermelho e branco. Apesar de já ter feito galo de raça por encomenda, gosta mais de fazer o galo capoeira. Leva cerca de três dias de trabalho entre a montagem e a pintura. Num mês, faz cerca de dez galos.

Cada peça é uma criação diferente. Em suas esculturas, trabalha com o lado de dentro da lata. Para fazer a barbeta do galo, utiliza uma lata um pouco mais dura,





que não tem o brilho do lado de dentro, então nesse caso, opta por usar a parte de fora da lata. Aí tem de raspar um pouquinho, porque a solda não pega em cima da tinta. Em uma de suas peças, que finalizou sem acabamento, deixou à mostra, na barbela, o desenho da marca na lata, valorizando com isso a origem do material reciclado.

É artesão há cerca de 11 anos. Também já fez araras, papagaios e cobras, mas gosta mesmo é de trabalhar com galo, só faz outro animal – camaleão, gato, garça, ganso, pato, pássaros em geral – quando a pessoa encomenda, como um dono de restaurante que lhe pediu para fazer um camaleão para colocar em frente ao estabelecimento. Segundo ele, ficou muito bonito. Fez outros, e hoje a peça está na Casa do Artista Popular em João Pessoa. Já participou de exposições no Rio de Janeiro e em Brasília, dentro do Projeto de Artesanato Paraibano. Participa também dos Salões em Campina Grande e em João Pessoa. A partir disso recebe encomendas de donos de lojas. Hoje, a fonte de renda da família – composta, pela mulher e suas duas filhas – é a venda dos galos, que custam em média R\$ 60,00.

Na cidade onde mora, suas peças não tem saída. “Aqui ninguém dá valor a isso não, só lá fora mesmo.”

#### DAS SOBRAS E CRIAÇÕES

*“Sem jamais completar seu projeto,  
o bricoleur põe-lhe sempre algo de si mesmo.”*  
(Lévi-Strauss)

João de Oliva, João de Deus, Humberto e Joca conhecem o rico repertório simbólico dos restos e sobras de materiais que reutilizam. Ao denominar o material como reciclado, no entanto, não se referem a objetos que seriam inevitavelmente rejeitados. Se esta é a conotação de quem primeiro se apropriou do que veio do lixo, este sentimento se transforma no momento em que chega nas mãos do artista. Para eles, o dejetivo é fértil.

Os artistas têm uma relação diferenciada com as sobras, que circulam em espaços comuns como as feiras, onde são vendidas para o artesanato, para o uso doméstico e para o trabalho. Adquirem os restos e retalhos de metal por diversos meios, trocando sucatas em suas relações cotidianas. Os materiais que reutilizam – latas, sobras de ferro, sucatas miúdas de automóveis – pertencem ao circuito simbólico da cultura material de que fazem parte. Portanto, não são propriamente resíduos que entram de novo no sistema, a partir do que ficou velho, inútil e estragado.

De maneira que essas peças não estão inseridas no circuito indelével do descarte da sociedade de consumo, que compreende a criação, o uso, o descarte e a reutilização. Para um artista como Humberto, o ciclo de vida da peça nunca está completo. Ele sabe onde ela está, mesmo depois de vendida. O que se renovam são os sentidos e usos da arte.

O artesanato de reciclagem é composto por peças e suas micro-histórias, que se transformam de novo na mão do artista. Como lembra Lévi-Strauss, os elementos concretos colecionados e obtidos pelo *bricoleur* estão “pré-constrangidos” pela história particular de cada peça devido ao uso original para o qual foi concebida, ou pelas adaptações que sofreu em vista de outros empregos. De modo que uma hélice de ventilador ou uma tecla de uma antiga máquina de escrever podem se prestar a servir como extensão ou matéria, dependendo se está fazendo as vezes de um moinho de vento ou de um dos pêndulos da balança que simboliza a Justiça.

Como numa proposta metafórica, os elementos que constituem a obra do artista vão ganhando novos significados à medida que permutam e mantêm relações com outros, com a condição de formar um sistema no qual já não compartilham de seus conceitos originais, mas os substituem, como numa rede solidária, oferecendo novas compreensões.

Cada escolha do artista acarreta sempre a reorganização total da estrutura (Lévi-Strauss, 1976).

Não se trata de perseguir o realismo da matéria ou do objeto puro, concreto. A pergunta não é para que realmente servem os objetos ou sobras, mas qual é a perspectiva de suas múltiplas combinações que possibilitam a fluidez dos significados. Por meio de suas escolhas, não é a obra, mas o artista que se recicla.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTESANATO brasileiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte, 1986.

FROTA, Lélia Coelho. *Pequeno dicionário da arte do povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

LIMA, Ricardo Gomes; CARVALHO, Luciana Gonçalves de. *Do caos a luz: luminárias da Cidade de Deus*. Rio de Janeiro: Funarte: IPHAN, CNFCP, 2003. (Sala do Artista Popular, 117). Catálogo de exposição.

RODRIGUES, José Carlos. A cultura do lixo e sua angústia. *In: RENNHACK, Anna Maria de Oliveira et al. Falas em torno do lixo*. Rio de Janeiro: Pólis, 1992.

ZALUAR, Amélia. O descartável nas artes plásticas. *In: PRADO, Jason (Org.). Reciclasa: novos usos para antigos materiais*. Rio de Janeiro: Argus, 2006.

#### NOTAS

- 1 “Nas Rodas de Itabaiana”, juntamente com as bonecas de pano do município de Esperança, foram ações do Projeto Brinquedos Populares do Agreste Paraibano, coordenado pelo Conselho da Comunidade Solidária, em parceria com o Sebrae, a Sudene, a Caixa Econômica Federal e o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. No ano de 2000, as obras dos artesãos que participavam desses projetos nas cidades de Itabaiana e de Esperança, na Paraíba, foram tema de exposição da Sala do Artista Popular do Museu de Folclore Edison Carneiro/CNFCP.
- 2 O Salão de Artesanato Paraibano é organizado pelo Sebrae Paraíba com apoio do Governo do Estado, por intermédio da Secretaria do Turismo e Desenvolvimento Econômico, da Prefeitura Municipal de João Pessoa, do BNB e da Eletrobrás, envolvendo 3.000 artesãos de 58 municípios paraibanos. O evento insere-se no Programa de Artesanato Paraibano, com 5.413 artesãos cadastrados, cuja gerência é da Casa do Artista Popular, órgão do Governo do Estado.

## CONTATOS PARA COMERCIALIZAÇÃO

### SALA DO ARTISTA POPULAR | CNFCP

Rua do Catete, 179 (metrô Catete)  
Rio de Janeiro – RJ cep 22220-000  
tel (21) 2285.0441 | 2285.0891  
fax (21) 2205.0090  
mercado.folclore@iphan.gov.br | www.cnfcp.gov.br

### JOÃO JOSÉ DO NASCIMENTO NETO

Sítio Lagoa do Rancho - PB-54, 54Km  
Itabaiana – PB cep 58360-000  
tel (83) 9108.5712 | 9342.3394

### JOÃO DE DEUS CAVALCANTE

Rua José Mariano da Silva, nº 135  
Bairro Funcionário II  
João Pessoa – PB cep 58078-410  
tel (83) 3233.2868 | 9113.3423

### HUMBERTO HELENO DA SILVA

Avenida Mandacaru, nº 100  
Treze de Maio  
João Pessoa – PB cep 58025-760  
tel (83) 8833.9479 | 8731.7138

### JOAQUIM DAVID DA SILVA NETO

Rua Carlos Fernando de Mendonça, nº 28  
Araçagi – PB cep 58270-000  
tel (83) 3274.1238 | 8125.5194

### CASA DO ARTISTA POPULAR

Praça da Independência, nº 56  
João Pessoa – PB cep 58013-490  
tel (83) 3221.2267  
www.casadoartistapopular.pb.gov.br

realização



CENTRO  
NACIONAL  
DE FOLCLORE E  
CULTURA POPULAR



Ministério  
da Cultura

patrocínio  
**CAIXA**

**BRASIL**  
GOVERNO FEDERAL





**RIO DE JANEIRO | 1 DE MARÇO A 10 DE ABRIL DE 2011**  
**MINISTÉRIO DA CULTURA | IPHAN | CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE**  
**E CULTURA POPULAR | MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO**